**História e Entreposto Científico: o periódico de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi (2017-2019)**

Lucas Bueno[[1]](#footnote-1)

José Rodrigues Filho[[2]](#footnote-2)

Pedro Hungria Cabral[[3]](#footnote-3)

**Resumo:**

O presente trabalho busca apresentar e analisar os artigos publicados no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, na área de Ciências Humanas, no período de 2017 a 2019. Além disso, o artigo propõe traçar um panorama da história do Instituto e das suas publicações. Por fim, se realiza uma análise dos dados da publicação na plataforma Scielo. O Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi foi fundado em 1894, momento em que o botânico que dá nome ao Museu, chega ao Pará. Desde aquele ano, o periódico desempenha uma relevância considerável na produção científica brasileira, pensada a partir da região Norte do país. Do ponto de visa teórico, o trabalho dialoga com as reflexões propostas por Eduardo Viveiros de Castro, Ludwik Fleck, Bruno Latour e Karl Mannheim.

**Palavras-chave:** Amazônia, História da ciência no Brasil, Museu Paraense Emílio Goeldi

## **Introdução e percurso histórico**

Pensar em estudar a produção do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) vem no ensejo da bibliografia discutida na disciplina de pós-graduação *História e historiografia das ciências* da FFLCH-USP, a qual deu margem para questionarmos o modo como se pensa e se faz uma história das ideias e das ciências no Brasil e na América Latina. A escolha de uma publicação como o Boletim MPEG envolve refletir, também em âmbito nacional, a prevalência de certos centros produtores de ciência no Brasil. Como exemplo, a maior parte da produção de artigos acadêmicos se concentra no eixo Rio de Janeiro-São Paulo[[4]](#footnote-4), os quais, se adicionarmos Minas Gerais, são responsáveis por mais da metade da produção de artigos científicos no Brasil. Qual a relevância de uma produção situada fora desses centros, e qual seria a importância desse entreposto que é o MPEG para a produção de conhecimento e discussão sobre a Amazônia? A validade de um conhecimento interno, que não exclua a visão externa, mas que tenha a possibilidade de incorporá-la ao seu repertório de análise do mundo.

A saber que a ciência precisa ser feita em diálogo com os pares, e que é preciso levar em conta uma análise mais ampla do espectro de produções e pensamentos sobre o científico, é que nos propomos a debater e analisar a produção do Boletim do MPEG, que, possui atividade de mais de um século e meio de existência, ainda que intermitente. Como esse entreposto, ainda muito distante, segundo certas perspectivas, situado na embocadura da Bacia Amazônica pensa e dialoga sobre ciência atualmente? Por causa de seu longo período de atividades e o seu supracitado afastamento dos eixos de pesquisa, faz-se necessário realizar um breve percurso histórico do Instituto Goeldi, bem como de sua produção científica.

No ano de 1884, o botânico Emílio Goeldi embarca na Suíça em direção ao Brasil, chegando naquele mesmo ano ao Rio de Janeiro a convite de Ladislau Neto, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. A viagem de Goeldi no Brasil tinha uma função: o botânico aqui chegara para assumir o cargo de subdiretor da seção zoológica daquela instituição. Após seis anos de trabalhos prestados ao Museu Nacional, Emilio Goeldi deixou a instituição no ano de 1890, permanecendo no Brasil continuou realizando pesquisas no país, das quais resultaram dois importantes trabalhos: *Os Mamíferos do Brasil* (1893); e *As Aves do Brasil* (1894). Foi no ano de 1894 que o botânico Emilio Goeldi além de carregar consigo a experiência de pesquisas sobre o Brasil e de trabalho em uma instituição nacional, recebera um novo convite, dessa vez em terras distantes da Capital do Brasil. Goeldi dirigiu-se para o Norte do país, chegando ao Pará naquele ano a convite de Lauro Sodré, governador daquele Estado para assumir a direção do Museu Paraense[[5]](#footnote-5). Contudo, a história do Museu Emilio Goeldi remota ao ano de 1866, quando foi fundada a Sociedade Filomática do Pará, associação que tinha entre seus objetivos instalar na região uma biblioteca e um museu. Essa instituição ofertou as bases para a criação do Museu Paraense, inaugurado oficialmente em 1871.

O Museu foi fundado junto a uma biblioteca, e teve a sua frente Domingos Soares Ferreira Pena, naturalista brasileiro, foi um pesquisador que delineou seus estudos em torno da região amazônica. Apesar de buscar se constituir enquanto instituição científica de estudos sobre a Amazônia, o Museu Paraense veio se efetivar apenas após a instituição da República no Brasil. Entre os anos de 1888 e 1891 o museu esteve fechado em decorrência de crises, sendo reinaugurado em 1893, após ter sua cede transferida do Liceu Paraense para o Edifício da Escola Prática. Contudo, o museu necessitava ainda de recursos técnico-científicos e financeiros, a instituição carecia de pesquisadores qualificados junto com uma direção científica. (BERTHO, 2001).

Foi com a chegada de Emilio Goeldi que o Museu Paraense progrediu e se moveu nos trilhos do campo cientifico no Brasil. Após sua chegada a região amazônica, Goeldi tinha como meta, além de seus estudos, realizar pesquisas e avançar na difusão das ciências no Estado do Pará em relação direta com a região amazônica e o Brasil. Todavia, convém destacar que os primeiros esforços realizados pelo Governo brasileiro para se estudar o Brasil e entender o que o constituía enquanto nação foi realizado por meio do IHGB.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro surgiu no contexto de institucionalização do Estado Monárquico, emergiu enquanto instituição responsável pela construção de uma “identidade própria” do Brasil. O que seria e constituía a nação que se tornara, naquele momento de fundação do IHGB (1834), independente de Portugal? Na busca de constituir uma narrativa em conformidade com o Estado, o IHGB não tardou a realizar um conjunto de ações destinadas a entender a extensão territorial da nação, a fauna, flora, seus habitantes e outros fatores que pudessem explicar as características da nação. Na esteira de pesquisa e produção do conhecimento historiográfico, a criação da revista do IHGB foi fundamental para a divulgação dos estudos realizados, além de publicar as atividades desenvolvidas na instituição, a revista publicava fontes primárias, biografias, resenhas de obras e artigos. (GUIMARÃES, 1988). Dessa maneira, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi um mecanismo de fundamental importância para a constituição e divulgação dos primeiros trabalhos que se dedicaram a oferecer reflexões sobre o Brasil, seu povo e as diversas características dessa nação.

O Instituto Goeldi não ficou distante da ideia de divulgação das pesquisas realizadas no Museu. Com o intuito de divulgar a produção científica foi criado no ano de 1894 o Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia. Desde a sua fundação, ele se apresenta como uma ferramenta fundamental na divulgação do campo científico no Brasil. Desde 2005, o Boletim passou a circular com uma nova proposta editorial que continua ainda hoje em atividade. Com essa modificação deu-se continuidade a divulgação do conhecimento científico por meio de duas publicações: o Boletim de Ciências Humanas e o Boletim de Ciências Naturais. Cabe mencionar que essa não foi a única mudança pela qual o mesmo passou, desde a sua fundação ele atravessou seis ciclos, como expõe o site do Boletim de Ciências Humanas[[6]](#footnote-6) e que pode ser definido da seguinte maneira.

O primeiro ciclo ocorreu entre 1894-1914, sem uma periodicidade fixa, o Boletim realizou a publicação de oito volumes, com publicações científicas da “equipe de naturalistas” liderada por Emilio Goeldi e seu amigo Jacques Huber, que chegou ao Brasil em 1895, a convite de Goeldi. Nesse primeiro ciclo, o Boletim desenvolve-se amplamente no cenário nacional e internacional científico com relevantes trabalhos sobre a região amazônica. Após esses primeiros vinte anos, a publicação do Boletim foi interrompida por 18 anos devido à falta de investimentos do poder público. Apenas em 1933 a publicação retornou publicando timidamente apenas quatro volumes até o ano de 1956, momento que se encerra o segundo ciclo.

Em 1957, tem-se início o terceiro ciclo do Boletim. É nesse momento que a entidade hoje conhecida como Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mas que no tempo era conhecida apenas por Conselho Nacional de Pesquisas, iniciou um contato mais direto com o Museu Emilio Goeldi, quando passou a administra-lo. Essa segunda fase estendeu-se até 1983, as publicações desse período foram organizadas por meio de áreas temáticas, assim as produções se relacionaram a Antropologia, Zoologia, Geologia e Botânica.

Entre 1984 e 2002, ocorreu a quarta fase do Boletim. Contando com um maior número de recursos, pois nessa fase o CNPq estava diretamente vinculado a administração do Museu, o Boletim passou por mudanças editoriais. Foi retirado a série destinada a Geologia e inserida uma outra intitulada de Ciências da Terra, no ano de 1989. Além disso, foi instituído uma periodicidade semestral para cada área de publicação que agora contava com: Antropologia, Zoologia, Geologia Ciências da Terra – apesar desta última ficar fora do projeto de publicação semestral. Além disso foi instituída uma Comissão Editorial e Científica, as quais começaram a ser responsáveis pelo Boletim.

Após uma nova interrupção, entre os anos de 2003 e 2004, o Boletim retornou em 2005 em sua quinta fase com uma proposta multidisciplinar que o possibilitou novas mudanças editoriais. Dessa vez, foi instituído pelo corpo cientifico e editorial do periódico apenas duas séries: Ciências Naturais e Ciências Humanas. Apesar disso, no ano seguinte, em 2006, um sexto ciclo iniciou-se, quando duas entidades, a Fundação da Biblioteca Nacional e a Biblioteca Virtual em Saúde, vinculado ao Instituto Evandro Chagas auxiliaram o periódico em um processo de nova adequação com os títulos e ISSN que até hoje são usados, são eles: Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Naturais, com ISSN 1981-8114; e o Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas, cadastrado com o ISSN 1981-8122. Desde 2006, os dois periódicos passaram por mudanças e ampliações no campo do comitê científico e editorial com a inclusão de reconhecidos pesquisadores e cientistas vinculados a outras instituições nacionais e internacionais. A reformulação seguiu nos âmbitos da Política Editorial; da variação de autores (brasileiros e estrangeiros) das mais diversas instituições e espaços de pesquisa a publicar nos periódicos; assim como da disponibilidade gratuita e integral do conteúdo produzido e publicado por meio do site[[7]](#footnote-7), onde encontram-se digitalizadas algumas edições, como as publicadas entre 2006 a 2009.

## **Metodologia e resultados**

Para realizar a análise do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), para a área de Ciências Humanas, optou-se por fazer um recorte temporal específico, no momento em que a revista adquire a qualificação A1 da CAPES para as áreas de Arqueologia, Antropologia e Linguística, especificamente a partir do volume 12 (nº 1, 2 e 3) até o volume 14 (nº 1).

O estudo e levantamento feito se circunscreve apenas aos artigos publicados, escolhendo deixar de lado a análise de resenhas e dossiês, tendo em vista uniformizar o presente trabalho às outras iniciativas propostas na disciplina História e Historiografia das ciências. Dessa análise de resultados pretende-se obter o panorama imediato dos publicadores, e do alcance que o Boletim do MPEG possui dentro da comunidade acadêmica brasileira e internacional, pensando em alguns parâmetros para criticar a sua relevância como divulgadora e debatedora da produção científica em ciências humanas.

Utilizando a ferramenta de pesquisa “Scielo Analytics” foi possível verificar como as produções do Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi se comportou na plataforma Scielo[[8]](#footnote-8). Foi verificado que durante o período de 2017 a 2019, todos os volumes do Boletim se encontram na plataforma.

O Boletim publica um volume por ano, separados em três números anualmente, portanto foram três edições em 2017, três em 2018 e até o presente momento da pesquisa, uma em 2019, totalizando sete números que foram analisados pela ferramenta.

Esses sete números apresentam o total somados de 105 publicações, e foi possível observar que cem por cento das publicações do periódico estão indexados na plataforma Scielo. Estas 105 publicações utilizaram 4901 referências em seus trabalhos, uma média de 46 referências por publicação. As 105 publicações não são homogêneas em relação a sua forma, língua escrita, país de origem e quantidade de acessos.

Quanto à forma, podemos classificar as publicações do Boletim em: artigos científicos originais, revisões e análises de livros, editoriais, cartas, brief reports, erratas/correções e notas à imprensa. Para nos atermos ao recorte escolhido, usaremos neste trabalho apenas os artigos submetidos.

Focando na análise de artigos publicados, pode-se ver, conforme mostrado na tabela abaixo, um número relevante de unidades da federação representadas nos artigos publicados (*tabela 1*). Há ainda um número de publicações de pesquisadores estrangeiros, provenientes, principalmente, da América Latina, tendo também alguns artigos publicados de autores europeus e norte-americanos. A maior parte dos artigos é da área de arqueologia (21), seguido por história (16), antropologia (9) e linguística (6), demais áreas de conhecimento como etnologia, saúde, turismo, sociologia e literatura não publicaram mais de 2 artigos.

Quanto às instituições às quais pertencem os autores, apenas duas se destacam quantitativamente nas publicações analisadas, a Universidade Federal do Pará (UFPA) possui 11 artigos publicados, sejam em conjunto com autores de outras instituições, como apenas autores da UFPA. A Universidade de São Paulo (USP) possui 8 artigos publicados no período analisado, as demais instituições não publicaram mais que 2 artigos. Há uma profusão de trabalhos feitos por autores de instituições, estados e países diferentes, o gráfico abaixo mostra a origem das instituições às quais os autores estão relacionados.

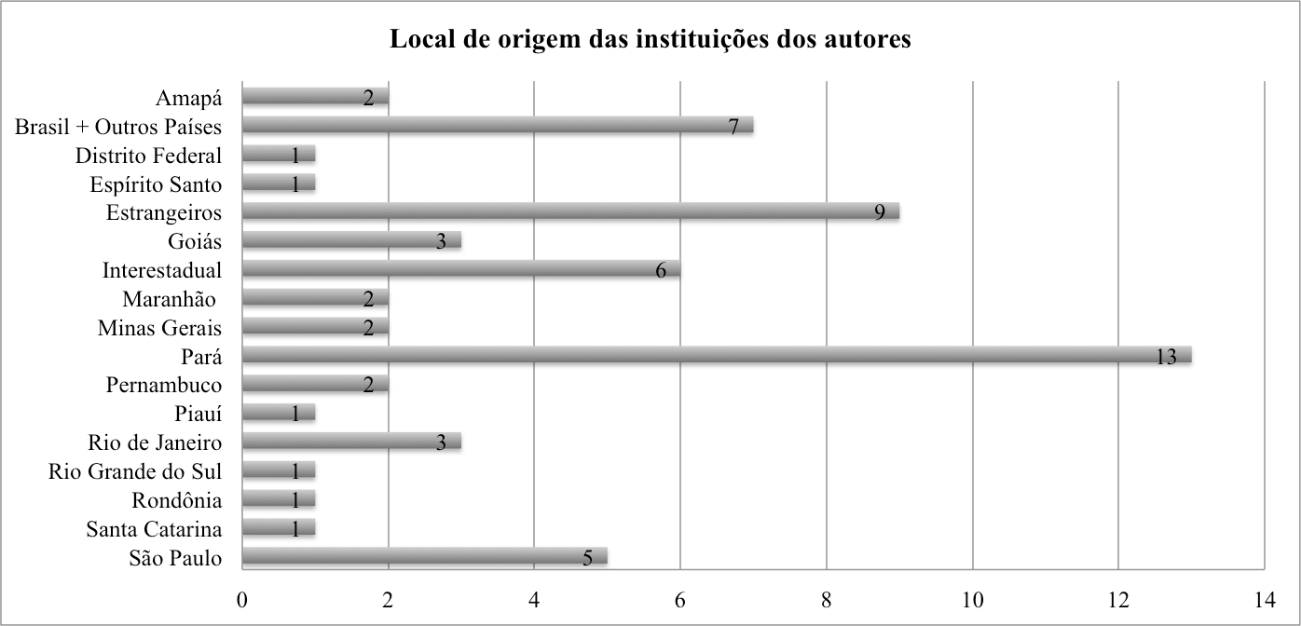


Tabela 1 – Relação entre os locais de origem das instituições e os números de artigos publicados por localidade

Dos artigos analisados, apenas 9 são de autores de instituições estrangeiras, sem parceria com autores de instituições nacionais, desse tipo de parceria entre instituições nacionais e internacionais temos 6 artigos. Dos artigos publicados em parcerias de autores de instituições de diferentes estados temos 6 trabalhos. Nota-se ao analisar os artigos que muitos deles se dão em conjunto de profissionais de diferentes instituições, deste tipo temos 21 exemplos ante 39 de autores pertencentes à uma mesma instituição, sejam universidades como centros de pesquisa ou autarquias.

Em seu site, o Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi informa que aceita envios de trabalhos em quatro línguas: português, inglês, espanhol e francês, entretanto, no período pesquisado nenhuma publicação em francês foi encontrada, e, portanto, nos restringiremos às três primeiras línguas para análise. Do total de todas as publicações que foram submetidas, a maioria dos artigos são em língua portuguesa, seguida pelos artigos em inglês e por fim, artigos em espanhol.

Em relação aos acesso e relevância, o ano de 2018 apresentou a maior quantidade de acessos, seguido por 2017 e 2019. Em 2018 o Boletim teve 45.127 acessos, contra 12.241 em 2017 e 8.015 em 2019. Os meses de maior acesso foram, em ordem decrescente, setembro de 2018, junho de 2018 e janeiro de 2019. Os meses de menor acesso foram, em ordem crescente, março de 2019, março de 2017 e julho de 2017.

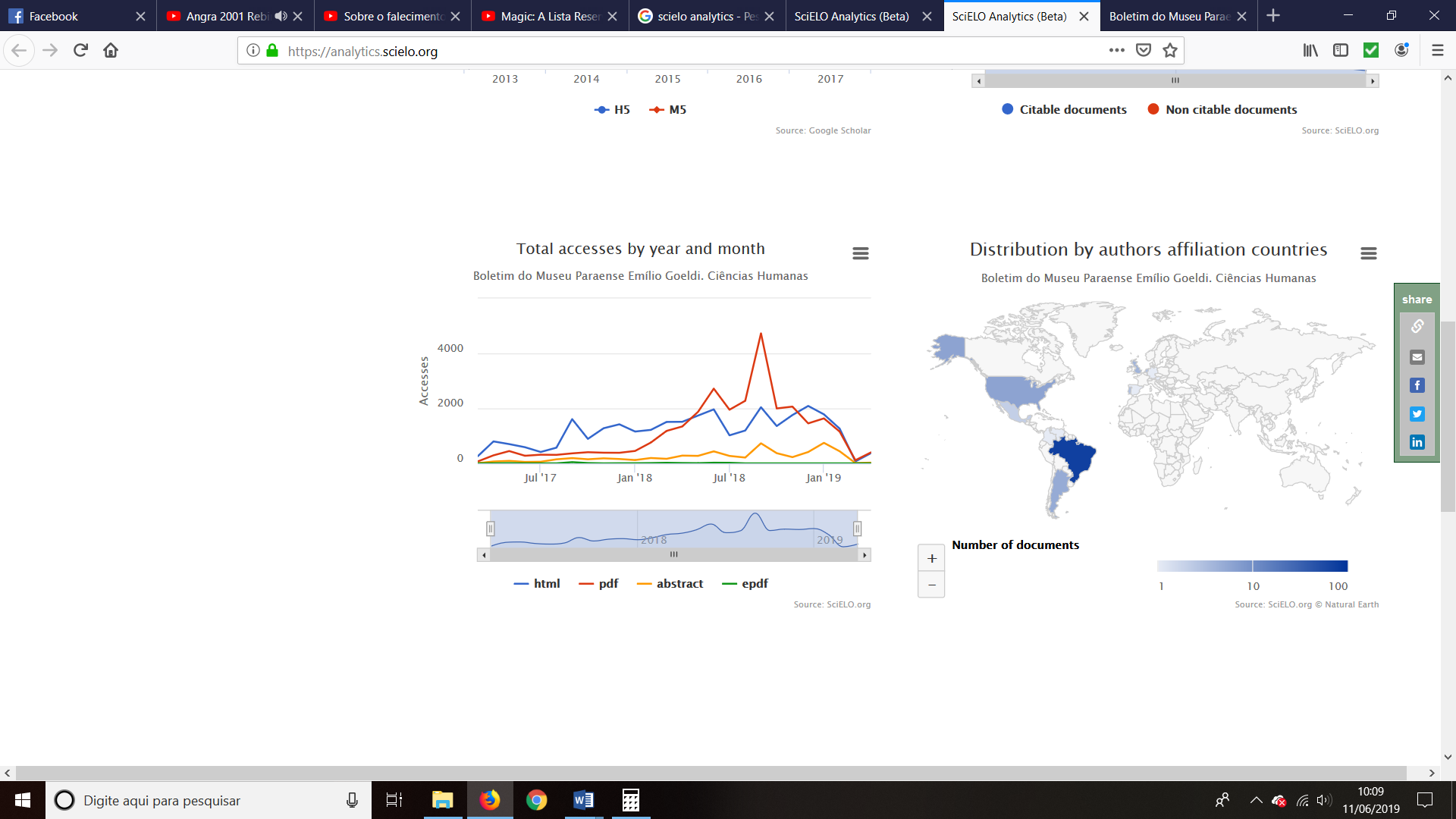


Tabela 2 – Relação de acessos por ano.

A revista mais acessada foi a primeira edição de 2017, com 18.490 acessos. Dos cinco artigos mais acessados, tem-se quatro artigos em língua portuguesa e um em língua espanhola, como pode ser verificado no quadro abaixo (*tabela 3*), o artigo mais acessado é “Ciclos econômicos do extrativismo na Amazônia na visão dos viajantes naturalistas”, com o total de 4.190 acessos.

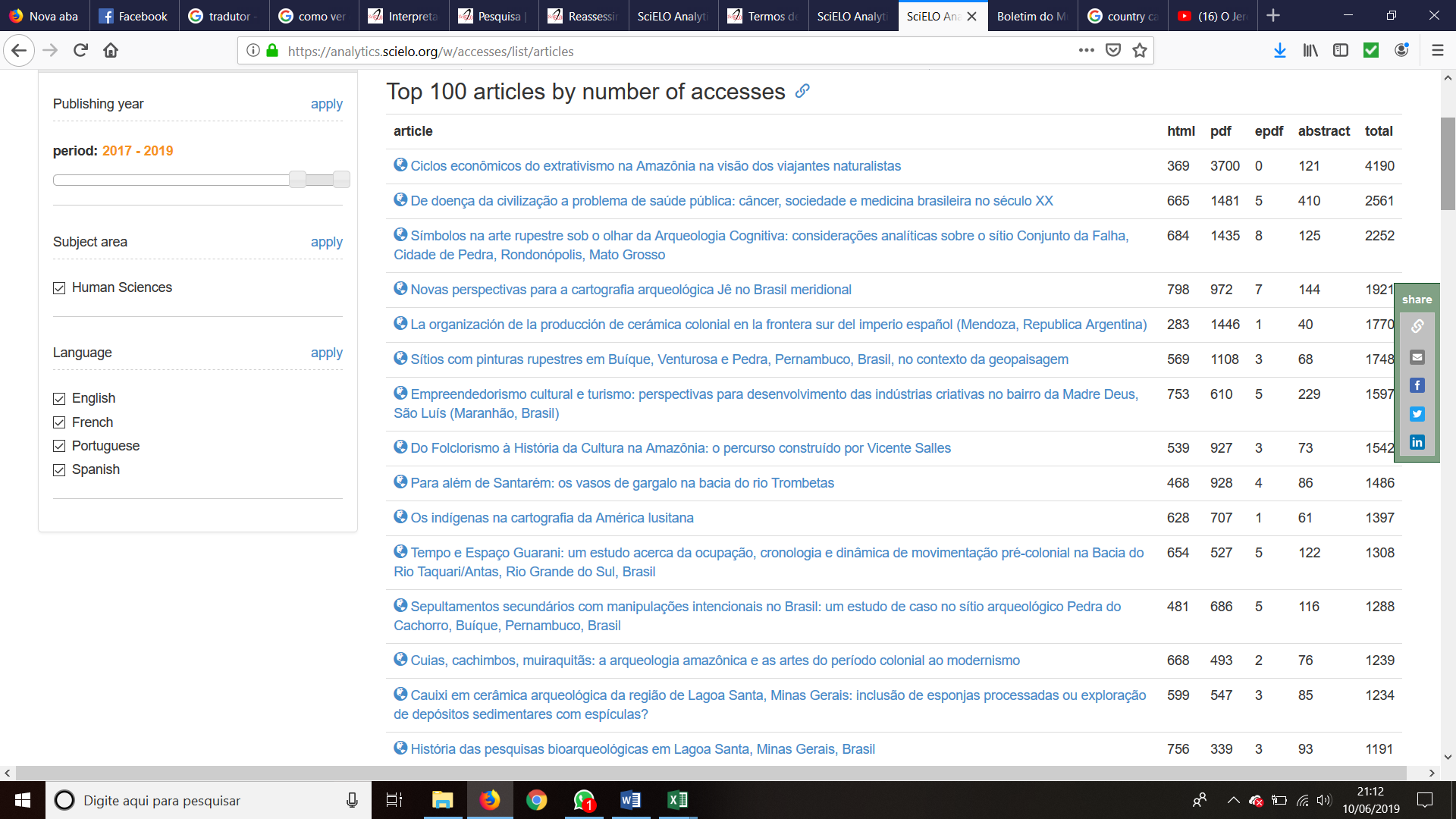


Tabela 3 – Os cinco artigos mais acessados

O boletim se mostrou bastante referenciado, várias publicações do Boletim são citadas por outros autores e nenhum volume teve uma porcentagem de referenciação menor que 80%.

Em uma análise primeira podemos constatar que há, até números razoáveis de artigos no Boletim do MPEG que citam outros artigos de edições anteriores do próprio Boletim. Segundo a análise dos 60 artigos publicados no período, há quase que uma divisão quanto ao número de pessoas que assinam os trabalhos, sendo 31 publicados por mais de uma pessoa e 29 escritos por um acadêmico apenas. No período analisado há apenas um autor que publicou mais de um artigo, o recorte temporal proposto não permite inferir esse tipo de comparação, já que seria necessária uma amostra temporal maior para se fazer um levantamento da constância de artigos de um mesmo autor na publicação.

Outro ponto, que chama a atenção na análise dos artigos do Boletim nesse período, é a citação de trabalhos de outras edições da publicação do MPEG, dentre os 60 artigos, 21 citaram em suas bibliografias trabalhos publicados em edições anteriores do Boletim, o que não deixa de ser um número relevante. Seria interessante pensar na possibilidade de se extrair um índice de comparação com outras publicações, e analisar se esse número de referências à própria publicação em que o artigo está inserido segue uma tendência, ou esteja acima ou abaixo em comparação a outras revistas e publicações.

## **Diálogos possíveis**

A discussão a qual o artigo realiza traça um breve panorama da produção presente no Boletim do MPEG, é possível pensar em uma publicação produzindo conteúdo sobre sua própria localidade, servindo como centro dispersor de conhecimento, no famigerado “lugar de fala”, é possível que enxerguemos a produção do MPEG como relevante indício para se analisar o ambiente e a Região Amazônica. Como bem exposto no início, essa relação entre pares se dá faz bastante tempo, ainda que claudicante devido as condições materiais adversas e distância dos centros econômicos e decisivos do país, o Boletim MPEG é grata surpresa de produção, que consegue, a partir de seu ponto de vista, congregar trabalhos que versem tanto sobre a Amazônia como sobre temáticas outras e globais. Esse localismo importante e o pensar sob novas perspectivas, nos pode possibilitar que aceitemos as condições locais para enfim analisar o global a partir de parâmetros imediatos, quase sempre mais infalíveis que a distante e totalizadora visão à “olho de pássaro”.

Percebemos que existem uma dupla função do Museu e do Boletim, a de produzir e dialogar com a ciência brasileira e internacional, e de pensar a sua localidade e seu ambiente correlato, no caso a Bacia Amazônica. O MPEG como forma de pensar esse território amazônico a partir de parâmetros e variáveis locais, dando ensejo às pesquisas e problemáticas levantadas por pesquisadores da região, mas também não se imiscuindo do papel de fomentar uma discussão a partir de outras perspectivas.

Alicerçado por visões mais abrangedoras em história da ciência e dos feitos científicos, como apresentados na disciplina de pós-graduação História e historiografia das ciências, conseguimos almejar e aventar novas perspectivas de análise sobre a produção científica nacional, sejam estas coadunadas com uma linha majoritária, e em diálogo com os centros difusores de esquemas e estilos de pensamento, sejam com olhares que se distanciem criticamente dessas visões, ainda que mantenham diálogo com as vertentes dominantes. Tomando como exemplo as abordagens feitas por Ludwik Fleck, Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro, entre outros autores abordados no curso, pensou-se a possibilidade de leitura de um estudo de caso acerca de uma publicação que se encaixasse em uma perspectiva distinta das vertentes dominantes na ciência brasileira. Pesou na escolha a tradição mais que secular do instituto paraense bem como sua localização geográfica. É preciso haver um diálogo entre as produções, como diz Latour: “Seja lá o que um artigo tenha feito com a literatura anterior, se ninguém mais fizer nada com ele, é como se ele nunca tivesse existido”. (LATOUR, 2000, p. 70). Nessa mesma linha de raciocínio, observa-se uma rede de interlocução entre as produções do Boletim do MPEG. A publicação demonstra bem como esse diálogo ocorre. A análise dos artigos permitiu inferir que o Boletim congrega visões de localidades distintas, mesmo os temas não sendo estritamente sobre a Amazônia.

Esse breve panorama da produção desses três últimos anos do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi nos permite traçar algumas breves conclusões: nota-se que há um diálogo entre diferentes instituições, estados e países ao seriar os artigos publicados. Podemos pensar que o Boletim do MPEG possibilita que autores de diversas regiões, que não a Amazônia, se esforcem por publicar em conjunto em uma publicação referente a uma localidade específica. Há certamente uma relação estabelecida, a publicação consegue manter um diálogo não apenas com seus pares locais, há sim uma apresentação de trabalhos de praticamente todos os estados da federação, de certos países latino-americanos, e uma ainda fraca publicação de artigos de centros ditos desenvolvidos, de locais como Europa e América do Norte.

**Bibliografia**

*Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém: MPEG, 2017. v. 12, n. 1, 2 e 3

*Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém: MPEG, 2018. v. 13, n. 1, 2 e 3

*Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. Belém: MPEG, 2019. v. 14, n. 1

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naif, 2015.

CROSS, Di; THOMSON, Simon; SIBCLAIR, Alexandra. *Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics*. Clarivate Analytics, 2018.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há um mundo por vir: ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Instituto Socio Ambiental, 2017.

FAULHABER, Priscila; TOLEDO, Peter Mann de (orgs.). *Conhecimento e fronteira: história da ciência na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2001.

FLECK, Ludwik. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico.* Madrid: Alianza Editorial. 1986.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o Projeto de uma História Nacional. In: *Estudos Históricos*. nº 1, Rio de Janeiro, 1988, p. 5-27.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora.* São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MANNHEIM, Karl. *A Sociologia do Conhecimento*. In: \_\_\_. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

MARQUES, Ivan da Costa. Ontological Politics and Latin American Local Knowledge. In: MEDINA, Eden; MARQUES , Ivan da Costa; HOLMES, Christina (Ed.). Beyond imported magic: essays on science, technology, and Society in Latin America. Massachusetts: Institute of Technology, 2014.

1. Formado em História pela Universidade de Sorocaba. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação em História Social na FFLCH-USP. [↑](#footnote-ref-2)
3. Mestrando em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação da FAU-USP. [↑](#footnote-ref-3)
4. Estatística básica que diz que a maior parte dos artigos são publicados em certas instituições. Estudo encomendado pela CAPES: *Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics.* [↑](#footnote-ref-4)
5. Cf. https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/historia-1/Emilio-Goeldi. [↑](#footnote-ref-5)
6. As informações acerca dos ciclos do Boletim podem ser consultadas de forma mais detalhada em: http://editora.museu-goeldi.br/humanas/#. [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. http://editora.museu-goeldi.br/humanas/#. [↑](#footnote-ref-7)
8. Dados levantados em junho de 2019 pelo site: https://analytics.scielo.org/?py\_range=2017-2019. [↑](#footnote-ref-8)